

CONTOS DE FADAS E EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

FAIRY TALES AND THE EDUCATION OF DEAF CHILDRENS

CUENTOS DE HADAS Y LA EDUCACIÓN DE NIÑOS SORDOS

*Leila Borges Dias Santos**
*Thainã Miranda de Oliveira***

Resumo

Os contos de fadas sempre encantaram as crianças e, ainda hoje, continuam a seduzi-las. Esses contos possibilitam reflexões sobre os problemas interiores de seus leitores e auxiliam a construção da subjetividade infantil. As adaptações dessas histórias para a Libras, Língua Brasileira de Sinais, levam às crianças surdas, não apenas o prazer da fruição dos contos de fadas, mas também os benefícios psicológicos advindos dessas narrativas. Com o suporte teórico dos postulados apresentados por Bruno Bettelheim e Joseph Campbell, em textos fundadores sobre o mito e o conto de fadas, o objetivo deste trabalho é trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas, adaptados para Libras, na educação e a formação da subjetividade das crianças surdas.

Palavras-chave: contos de fadas, Libras, educação de crianças surdas.

As narrativas folclóricas, especialmente os contos de fadas, sempre encantaram as crianças e ainda hoje, nesta era tecnológica, continuam a seduzi-las. Quando apresentadas à criança desde a primeira idade, essas narrativas atuam sobre seu inconsciente, trazendo conforto e amenizando ansiedades. Os contos de fadas adaptados para Libras têm sido utilizados com frequência na educação de crianças surdas. Essas histórias, não apenas contribuem para a formação da identidade dessas crianças, como também estimulam a construção de sua subjetividade.

Para desenvolver este trabalho — que objetiva trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas para a subjetividade da criança surda — foram utilizados textos de autores como Bruno Bettelheim, Joseph Campbell, Vera Maria Tietzmann Silva, Nelly Coelho, Diana Corso e Mario Corso, que pesquisaram sobre a importância dos contos de fadas na vida psíquica infantil. De acordo com Bettelheim, os textos da literatura de tradição oral, especialmente os contos de fadas, permitem à criança o acesso aos recursos

* Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília – UnB; Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: ninamassena@gmail.com

** Graduação no Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Goiás-UFG. Professora de Libras, Língua Brasileira de Sinais na Universidade Federal do Tocantins/Campus Palmas. E-mail: miranda.libras@gmail.com

interiores de que necessita para seu desenvolvimento, ajudando-a a encontrar sentidos profundos para sua vida.

O conto de fadas é uma forma narrativa de curta extensão, que durante séculos foi transmitida oralmente, atravessando gerações. Essas histórias de tradição oral surgiram, certamente, com as primeiras comunidades humanas e sofreram inúmeras transformações. Com o advento da escrita, os contos de tradição oral começaram a ser registrados e podem ser reconhecidos em antigos manuscritos egípcios, indianos e árabes. Em uma retrospectiva das publicações dos contos de fadas em diferentes países, Laura Sandroni (1987) observa a importância de edições como a de Charles Perrault, que em 1677 publicou *Histoires ou contes du temps passé, avec des moralités*, obra que também é conhecida pelo título *Contes de ma Mère l'Oye*, e do trabalho extraordinário dos Irmãos Grimm, que reuniram contos populares alemães em *Kinder und Hausmärchen*, publicado em 1812.

Esses contos, preservados durante séculos pela tradição oral, ao serem recolhidos, reunidos e publicados por escritores e pesquisadores, despertaram o interesse de dois públicos que as editoras e a prática escolar querem distintos: o público adulto e o infantil. O que se observa, contudo, é que nem sempre os públicos dos contos de tradição oral foram diferenciados. As histórias, hoje direcionadas às crianças, eram contadas entre adultos, nas rodas em torno de fogueiras, lareiras e fogões, nas quais as crianças estavam sempre presentes, participando, da mesma forma que o faziam em todas as outras atividades da família ou da comunidade.

Assim como acontecia nos tempos passados, ainda é possível envolver crianças e adultos em uma mesma leitura, pois os temas dessas narrativas alcançam diferentes níveis da personalidade humana. Vera Maria Tietzmann Silva (2008) observa que nesses contos não há distinção entre os assuntos destinados às crianças e aos adultos. O bem e o mal são percebidos de maneira simples, alimentando temas como a esperança, a coragem do herói, o acolhimento, o final feliz, ou ainda, o abandono, a maldade e a morte.

As diferenças entre as realidades sociais dos leitores e as formas pessoais de interiorizar o que lêem são fatores determinantes para a recepção da obra. Em um texto como o de “João e Maria”, crianças com a mesma idade podem fazer diferentes leituras, encontrando na história significados pessoais. Um sentimento comum a todas as crianças é o medo de serem abandonadas pelos pais, no entanto, segundo Silva (2008), apenas uma criança

carente, marginalizada pela sociedade, reconhecerá o real medo da fome.

Mesmo depois de consolidados nos textos daqueles que os recolheram da tradição oral, os contos de fadas continuaram a sofrer acréscimos e supressões, modificando-se a cada nova atualização. Produções cinematográficas como *Malévola* (2014) de Robert Stromberg e *Enrolados* (2010) de Byron Howard são exemplos dessa retomada do conto de fadas e dos ajustes realizados por seus roteiristas para adequá-los ao gosto do público atual. Silva (2008) observa que essas adaptações podem ocorrer também em relação à cultura, tal como acontece na adaptação nordestina do conto “João e Maria”, onde um rabo de lagartixa avalia o peso de João, enquanto no original dos Irmãos Grimm, a bruxa é enganada por um ossinho.

Quando transmitidos de uma cultura para outra, os contos folclóricos sempre passam por alterações. De contador a contador, o enredo é adaptado, alterado, recriado, de acordo com as reflexões e o gosto daquele que conta a história. Alguns elementos, contudo, resistem às transformações e aparecem de forma recorrente em antigos mitos e também nos contos de fadas. Joseph Campbell (2008) observa que todas as histórias míticas apresentam um herói, ou heroína, cujas façanhas alimentam a narrativa que, por sua vez, se organiza segundo uma estrutura comum. Campbell (2008) dá o nome de “monomito” a essa estrutura coincidente, dividindo-a em três seções: a partida, o percurso, com a iniciação do herói e seu retorno.

A primeira etapa tem início quando o herói abandona o lar e se lança à aventura de uma longa viagem, situação quase onipresente nos contos populares. No decorrer da viagem, ele protagoniza uma série de provas, de trabalhos que o levarão a se transformar em alguém melhor, merecedor de um final feliz, como a mão de uma bela princesa, imensos tesouros, ou o direito ao trono. Sob essa perspectiva, portanto, as histórias de Aquiles, Cinderela, Macbeth, Barbarella ou Luke Skywalker apresentam estruturas semelhantes.

O percurso do herói, nos mitos e nos contos de fadas, pode ser relacionado aos antigos ritos de iniciação, utilizados em sociedades arcaicas para formar, educar os jovens, transmitindo-lhes os valores de sua comunidade e acrescentando novos significados a sua vida. Em *Psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim (1980) observa que a tarefa mais difícil para o educador é ajudar a criança a encontrar significados para si mesmo e para sua vida, afirmando que “devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida — senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro” (BETTELHEIM, 1980, p.

12). Para que essa percepção de um significado para a vida se desenvolva na criança, são importantes: o impacto dos pais na educação e a herança cultural. Bettelheim também observa que, tratando-se de crianças novas, “é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação” (BETTELHEIM, 1980, p. 12).

Diana Corso e Mário Corso, ao se referirem ao trabalho pioneiro do psicólogo austríaco, lembram que, em um tempo no qual predominava o descaso pelas narrativas de tradição oral, Bettelheim “elevou os contos ao estatuto de recomendáveis” (2006, p. 26). Seus estudos sobre a influência dos contos de fadas em crianças autistas e com distúrbios emocionais graves foram fundamentais, não apenas para a sobrevivência dessas narrativas em tempos modernos, como também para a sua popularidade.

Em *Fadas no divã*, Corso e Corso (2006) comentam a obra de Bettelheim e destacam a relação entre a subjetividade humana e os contos de fadas, apontando a importância desses contos antigos, baseados em tradições orais atemporais, para o desenvolvimento psicológico infantil. Os contos de fadas ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apontam caminhos para as suas soluções. Para Bettelheim (1980, p. 14) o mérito dessas histórias antigas é o fato de começarem “onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional”. Não são desprezados os conflitos interiores da criança e nem as angústias, resultantes do processo natural de crescimento. Em sua aparente simplicidade, esses contos sugerem soluções para os problemas que perturbam a criança e as ajudam a enfrentar seus temores.

Corso e Corso (2007, p. 178) observam ser quase uma regra que as complicações surgidas nos contos de fadas terminem com um final feliz. Dessa forma, aquele que “escuta a história e entra na trama encontra uma solução e não fica dependurado na angústia”. Nesses contos, a recorrência de temas como a morte, o medo, o amor, as incertezas e o sofrimento auxiliam a criança a superar suas frustrações e a enfrentar os desafios existenciais da vida. Sobre as emoções que advêm dessas histórias antigas, os autores observam que, nos momentos em que não conseguimos definir com clareza nossas angústias e nossos sentimentos mais profundos, um conto de fada pode “nos emprestar um sentido, sem que haja uma correspondência com um problema real” (CORSO; CORSO, 2007, p. 179).

Com os contos de fadas a criança aprende a ver com algum distanciamento o seu próprio drama e, dessa forma, percebe com mais clareza o que está vivendo. Para Bettelheim, essa capacidade de distanciamento na resolução dos problemas, inevitáveis e cotidianos, é o

cerne da essência “terapêutica” dos contos de fadas. O psiquiatra austríaco, contudo, rejeita as imagens das ilustrações, e também as do cinema, afirmando que inibem a imaginação infantil. Bettelheim recomenda a utilização dos contos de fadas “apenas com a estória na sua forma original” (1980, p. 28).

A maior restrição de Bettelheim quanto às mídias de sua época, liga-se a essa produção de sentidos que, segundo ele, poderia ser prejudicada pela presença das imagens que acompanham os contos. Segundo ele, imagens prontas, como as do cinema e as das gravuras em livros literários, engessariam não somente a imaginação das crianças, como também o processo de estruturação de seus dramas inconscientes. Essas imagens restringiriam na criança a ação de construir, com sua criatividade, as imagens extraídas da narrativa.

Em relação à obra de Bruno Bettelheim, a perspectiva de Corso e Corso parece mais aberta a acréscimos e possibilidades, especialmente quando esses autores afirmam que “quanto mais alternativas ficcionais forem oferecidas a uma pessoa, mais instrumentos ela terá para elaborar seus dramas” (2007, p. 165). Os dramas do inconsciente, valorizados por Bettelheim, seriam elaborados pela própria criança a partir do contato com a história e condensariam, segundo Corso e Corso (2007, p. 166), “uma memória efetiva de fantasias inconscientes”, levando o fruidor à percepção de múltiplos sentidos na mesma narrativa.

Os contos, como os mitos, são estruturas geradoras de sentidos, eles não têm um sentido em si. Apenas determinados arranjos facilitam o recurso a uma ou outra fantasia em particular, mas mesmo assim seu uso e circunstâncias serão percebidos de variadas maneiras. [...] Nesse sentido, um simbolismo fixo e uma interpretação *standard* dos contos são, para nós, opções descartadas (CORSO; CORSO, 2007, p. 166).

Referindo-se ao processo de elaboração da subjetividade do pequeno leitor, Corso e Corso (2006) assinalam o interesse que as novidades tecnológicas despertam nas crianças e as múltiplas possibilidades de acesso à fantasia, oferecidas por filmes, games interativos e multimídia. Acreditam que os recursos imagéticos disponíveis atualmente não comprometem a criatividade, a imaginação e o crescimento cognitivo e afetivo das crianças, argumentando que Bettelheim, certamente, não cogitava sobre a possibilidade de essas produções culturais, vinculadas à imagem, contribuir para a formação da psique infantil. Segundo esses autores, as imagens enriquecem o universo trazido pelas histórias tradicionais, potencializando o acesso, em grande velocidade, à linguagem e às situações nelas expostas.

Corso e Corso discordam de Bettelheim quando este afirma que as imagens retirariam

da criança a oportunidade de elaborar, com sua imaginação e capacidade afetiva, formas pessoais de enfrentar desafios e frustrações, adquirindo maior desenvoltura diante das descobertas do cotidiano e da relação com o outro. Também discordam do psicanalista, quando critica as adaptações das histórias de fadas para o cinema, como se pudessem degradar e empobrecer o universo literário das narrativas orais.

Para Corso e Corso, a imagem, seja no cinema ou na ilustração, aparece como um “código sobre outro código”, constituindo-se em uma “expressão simbólica [...] nem mais rica, nem mais pobre, mas apenas, diferente” (2006, p. 167). O que importa, na verdade, é a “chave de leitura”, a acumulação de uma bagagem cultural e letrada, que permite ao leitor, ou expectador, compreender e sentir-se familiarizado com a mensagem, seja ela visual ou escrita, circunscrevendo dessa forma um dado “universo de referência” (CORSO; CORSO, 2006, p. 167). Os autores dão o exemplo dos Mangás japoneses, provenientes de uma cultura particular e que só são decodificados se previamente visitados em sua especificidade cultural.

Corso e Corso lembram também que, ao se diferenciar uma cultura mais elaborada, associada à leitura e a um maior capital cultural (como diria Pierre Bourdieu), da cultura de massa, corre-se o risco de postular um preconceito que empobrece a percepção e o argumento sério. Os autores recordam que os contos de fadas são originários da cultura popular e sua influência acabou por se estender às camadas mais influentes da sociedade, as quais recolheram, registraram na forma escrita, com linguagem mais rebuscada, e divulgaram essas histórias.

Ao se referirem aos tempos atuais, Corso e Corso também assinalam que, graças a adaptações televisivas e cinematográficas, os contos de fadas continuaram vivos e presentes na imaginação de um número incontável de pessoas. Independente do tipo de veículo que leva o conto de fadas à vida da criança, essas histórias atraem e seduzem os pequenos, pois provocam “efeitos de subjetivação” (2007, p. 169). Com esse argumento, afirmam não ser possível, como queria Bettelheim, negligenciar e desprestigiar o recurso imagético da comunicação moderna nos contos da tradição.

A imagem nos contos de fadas, nada mais faria que acrescentar, em ricos pormenores, o que está presente em forma escrita, vindo a se juntar ao prévio repertório imagético da existência de cada leitor. Toda essa incursão sobre a pertinência ou não da presença da imagem nos contos de fadas reverte em maior sensibilidade em relação ao acesso do surdo a esse universo literário. Com sua experiência visual, o recurso da ilustração se torna o atrativo

mais instantâneo para o surdo, por traduzir em figuras o teor da história, adiantando, em parte, o assunto tratado e atiçando sua curiosidade.

Vera Tietzmann da Silva (2008), em *Leitura literária e outras leituras*, observa que o elemento visual da ilustração funciona como um atrativo e confere brilho e colorido à narrativa. A ilustração, quando se pensa em Literatura Infantil, é um elemento constitutivo do universo do livro, que envolve os olhares e as sensações da criança, durante a fruição da leitura. Silva também observa a importância de a criança ter contato com a literatura o mais cedo possível, de forma a potencializar sua familiaridade e identificação com o universo ficcional, com o qual está travando contato. As experiências, contextos e vivências da história servem de estímulo existencial, encantando o espírito e acrescentando ao repertório de vida do pequeno leitor elementos de um “legado de muitos séculos de cultura” (SILVA, 2009, p. 40). Da cumplicidade entre a história e o leitor irá surgir, segundo Silva (2009) uma “parceria”, que realiza, por meio da ficção, um mergulho na natureza do ser humano, levando-o a compreender mais profundamente a si mesmo.

Outro elemento essencial no processo de formação da subjetividade infantil é o reconhecimento da identidade e da diferença. Ao comentar sobre raízes arquetípicas, Silva (2008) afirma que a identidade só pode ser percebida em uma situação de contraste com o diferente. Questões relacionadas à identidade e à diferença estão sempre presentes para o educador que trabalha com crianças surdas. No Brasil, 90% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, os quais, muitas vezes, desconhecem a Libras. Essa circunstância, geralmente, leva a criança surda a se desenvolver longe de um “igual”, ou seja, de outro surdo. Nessa condição, uma criança surda se enxerga apenas como “desigual”.

O documentário francês *Sou surdo e não sabia* (2009) aborda o tema de maneira contundente. A protagonista é uma atriz surda e os relatos de sua experiência de vida (com os pais, com a linguagem, com a comunidade ouvinte e surda, em hospitais e escolas), são ilustrados por cenas que vão desde o seu nascimento, passando pela rebeldia e pelos sonhos próprios da adolescência, até alcançar a independência adulta. O documentário foi gravado em Língua Francesa de Sinais, com legendas em Português para as sinalizações e as falas em Francês.

Como se vê no documentário, muitas crianças surdas, pela falta de linguagem e instrução da família, desconhecem sua própria surdez. Elas ignoram a existência de outras crianças surdas e a possibilidade da comunicação em língua de sinais. Seu contato mais

intenso com a língua de sinais e sua aproximação da cultura surda acontecem, para a maioria, no ambiente formal da escola. E nesse ambiente, a formação da subjetividade dessas crianças passa a ser responsabilidade de professores surdos e intérpretes.

No Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, está entre os que se empenham em produzir textos em Libras e adaptações de histórias da tradição oral, como as fábulas e os contos de fadas, para crianças surdas. O INES, considerando a importância dos contos de fadas para a construção da subjetividade da criança surda, editou vídeos e DVDs com a adaptação de contos para a Libras, entre os anos de 2005 e 2008. As adaptações do INES exploram os aspectos visuais das línguas de sinais, apresentando sinalizações bem elaboradas, interpretadas por atores surdos, como Fernanda Machado e Nelson Pimenta. As histórias são teatralizadas e as legendas em português possibilitam aos ouvintes a compreensão do que é exposto.

Em sua longa trajetória, dedicada à educação de surdos, o INES sempre buscou atualizar técnicas e recursos pedagógicos. Nos últimos anos, utilizou mídias visuais para registrar sua produção de textos para surdos, trabalho que tem sido referência, para todo o Brasil, na divulgação da Libras e de estratégias para a educação de surdos. O ambiente formal da escola, responsável pelo ensino da língua de sinais e do português escrito, ao valorizar a literatura infantil e os contos de fadas também colabora com o desenvolvimento da subjetividade dos alunos surdos.

Dos dez volumes da coleção “Educação de Surdos”, em vídeo, quatro são dedicados à arte de contar histórias em Libras. O terceiro volume trata de temas didáticos, como o verbo em português e em libras, além de uma introdução às operações matemáticas, aos quais seguem dois contos de fadas (“Chapeuzinho Vermelho” e “Branca de Neve e os sete anões”); duas fábulas (“A raposa e as uvas” e “A lebre e a tartaruga”) e duas lendas de nosso folclore (“A lenda do guaraná” e “O curumim que virou gente”).

O quarto volume da coleção, intitulado “Contando histórias em Libras”, de 2005, reúne seis contos tradicionais: “Patinho feio”, “Os três ursos”, “Cinderela”, “João e Maria”, “Os três porquinhos” e “A bela adormecida”. Nesse vídeo, não há referências a conteúdos didáticos, como observado no volume três. Os dois últimos volumes, o nono e o décimo, reúnem doze contos e recebem o título: “Contando histórias em Libras”. Fazem parte do nono volume: “Os trinta e cinco camelos”, “Aprender a escrever na areia”, “O cântaro milagroso”, “O gato de botas”, “A nova roupa do rei” e “Rapunzel”. No décimo volume encontramos os

contos: “Dona cabra e os sete cabritinhos”, “As fadas”, “O príncipe sapo”, “A galinha ruiva”, “A galinha dos ovos de ouro” e “O cão e o lobo”.

Nessas produções, que podem ser encontradas na biblioteca da instituição, disponível em: <http://biblioteca.ines.gov.br/biblioteca>, chama a atenção os cuidados com pequenos detalhes, como a cor e a posição inferior das legendas, os cenários, os efeitos especiais e as explicações sobre o gênero literário apresentado. Em decorrência do fato de conviverem com a Libras e a Língua Portuguesa, uma condição bilíngue, as crianças surdas se desenvolvem cognitivamente de maneira diferente. Por isso, faz-se necessário o uso de práticas alternativas, para que sejam obtidos melhores resultados em sua educação. O INES, atento a essas diferenças, considera as características visuoespaciais da Libras, da cultura surda e o ambiente bilíngue dessas crianças ao elaborarem suas produções.

Outro projeto que utiliza os contos de fadas na educação de surdos acontece há três anos na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, com o objetivo de despertar nos alunos do Curso de Letras Libras, surdos e ouvintes, maior interesse pela leitura em geral e pela interpretação em língua de sinais. Trata-se da ação de extensão *A hora do conto*, que apresenta semanalmente contos dos Irmãos Grimm em tradução simultânea do português para a Libras. O projeto foi elaborado por professores do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Goiás, em resposta à constatação de que muitos dos alunos, especialmente os surdos, tinham pouca experiência com a leitura do Português e apresentavam dificuldade em reproduzir, ou “recontar”, textos narrativos.

Os contos de tradição oral também têm uma importância extraordinária na formação de leitores inexperientes, crianças e adultos, surdos e ouvintes. Para a criança surda, assim como para a criança ouvinte que cresce em famílias que não cultivam o hábito de ler e contar histórias, o acesso às narrativas familiares (cantigas de ninar, parlendas, orações, casos familiares) é muito limitado. Por isso, contar histórias de fadas em Libras para os surdos adultos pode contribuir para sua vida, pois o imaginário desses contos sempre mobiliza temas bem reais. O herói insignificante, fraco, tolo, que é desprezado por sua diferença ou que, por essa diferença, sente-se isolado, repudiado por sua família ou sua comunidade (como acontece em “O patinho feio”, “A rainha das abelhas” e “As três linguagens”) encontra ressonâncias nas experiências vividas pelo surdo.

Em geral, todo leitor experiente aproximou-se da literatura de forma paulatina, pelo contato com a literatura oral, exposta de forma prazerosa em seus primeiros anos. E os

leitores “iniciantes” aprendem a apreciar narrativas ao ouvir alguém contar histórias. Para muitas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, cujo domínio da Libras é superficial ou inexistente, o contato inicial com as narrativas orais tradicionais ocorre com um atraso, às vezes, de vários anos. Muitos chegam à maturidade sem conhecer os contos de fadas mais comuns, como “Chapeuzinho Vermelho” ou “João e Maria”.

Como recurso didático, os contos de fadas são importantes para qualquer educador, mas tornam-se imprescindíveis para o educador que trabalha com classes inclusivas. O momento em que alguém conta uma história para um grupo de crianças, ou de adultos, é mágico. Além dos benefícios que traz ao aprendizado, esses contos são modelos com os quais o educando pode se identificar e propiciam contato direto com a grande herança cultural, representada pela literatura oral. De acordo com os Estudos do Imaginário, não é possível separarmos o mito ou a ficção da realidade, pois o imaginário, de acordo com Nancy Huston, “não apenas faz parte da realidade humana, ele a caracteriza e a engendra” (2010, p.87).

No início da escolarização, a criança surda ainda não consegue acompanhar a alfabetização do Português escrito. Em geral, isso ocorre por causa do atraso na aquisição da Libras, que deveria ser a sua primeira língua, e também por um descaso político-educacional, considerando-se a carência de métodos eficientes para o ensino de Português como segunda língua a alunos surdos. Desse modo, o trabalho inicial do intérprete de Libras e do professor surdo é ensinar Libras e auxiliar o desenvolvimento da subjetividade da criança surda. Esses profissionais, em suas práticas pedagógicas, devem apresentar, repetidamente, narrativas em língua de sinais a seus alunos surdos. Os contos de fadas, impressos ou filmados em Libras, estimulam no surdo o desejo de conhecer novas palavras e sinais, levando-o a ampliar seu vocabulário em português. O contato com os contos de fadas também melhora sua fluência na língua de sinais, sua memória e compreensão, não apenas da língua, como também do mundo e de sua identidade. Retomando Huston (2010), nunca é demais lembrar que a identidade humana é formada por narrativas e ficções.

No artigo “Literatura em Libras estimula inclusão e desenvolvimento de crianças surdas”, publicado em Globo.com / MG, Fernanda Brescia relata o extraordinário desempenho de uma criança surda, Fabrício, de quatro anos, filho de pais surdos. Segundo Fernanda (2011), a criança “sabe ler, escrever, chama a atenção como contador de histórias” e seu desenvolvimento, segundo a autora, se deveria ao contato intenso com a literatura.

Nely Novaes Coelho refere-se à leitura e à literatura como “agentes formadores não

apenas de leitores, mas especialmente da consciência de mundo que levará cada eu a se descobrir em relação ao outro, como parte integrante/responsável do/pelo meio em que vive” (2008, p. 130). Tanto no ambiente familiar como na formalidade da escola, o hábito de leitura é indispensável para o crescimento intelectual e cognitivo das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes. E todo investimento em projetos que envolvam a divulgação dos contos de fadas em Libras e português, reverte em ganhos para o desenvolvimento intelectual e a construção da subjetividade das crianças surdas.

Abstract

Fairy tales always enchant children and even today continue to seduce them. These stories enable reflections on the inner problems of your readers and help build children's subjectivity. The adaptations of these stories for Libras, Brazilian Sign Language, lead to deaf children, not just the pleasure of enjoyment of fairy tales, but also psychological benefits from these narratives. With the theoretical support of the postulates presented by Bruno Bettelheim and Joseph Campbell, in the basic texts on the myth and fairytale, the objective of this work is to bring some reflections on the importance of fairy tales, adapted to Libras, education and formation of subjectivity of deaf children.

Keywords: fairy tales, Libras, education of deaf children.

Resumen

Los cuentos de hadas siempre encantan los niños y aún hoy en día siguen seducirlos. Estas historias permiten reflexiones sobre los problemas internos de sus lectores y ayudan a construir la subjetividad de los niños. Las adaptaciones de estas historias para Libras, Lengua Brasileña de Señales, llevan a los niños sordos, no sólo el placer de disfrutar de los cuentos de hadas, sino también beneficios psicológicos de estas narraciones. Con el apoyo teórico de los postulados presentados por Bruno Bettelheim y Joseph Campbell, en los textos básicos sobre el mito y el cuento de hadas, el objetivo de este trabajo es aportar algunas reflexiones sobre la importancia de los cuentos de hadas, adaptado a Libras, la educación y la formación de la subjetividad de los niños sordos.

Palabras clave: cuentos de hadas, libras, la educación de los niños sordos.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRESCIA, Fernanda. **Literatura em LIBRAS estimula inclusão e desenvolvimento de crianças surdas**. Globo.com, Minas Gerais, 12 out. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/10/literatura-em-libras-estimula-inclusao-e-desenvolvimento-de-criancas-surdas.html>. Acesso em: 3 nov. 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil fases**. São Paulo: Cultrix, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos-mitos-arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CORSO, Diana Lichtenstein, CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Arrmed, 2006.

ENROLADOS. Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Roteiro: Dan Fogelman. Estados Unidos, Walt Disney Pictures, 2010. (100 min): son., color. Legendado. Port.

HOUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg. Roteiro: Linda Woolverton. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2014. (97 min): son., color. Legendado. Port.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores da leitura**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

SOU SURDO e não sabia. Direção: Igor Ochronowicz. Intérprete: Sandrine Herman. França: 2009. Documentário. (70 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/playlist?list=PL2E381B2C11ADC9BD>. Acesso em: 6 fev. 2013.